

**LES LUMIÈRES: ILUMINISMO, LITERATURA, ESCRAVIDÃO:
A INFLUÊNCIA DOS ESCRITORES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
SOCIAL**

Marcos Vidal da Silva Junior (UFPR)

João Arthur Pugsley Grahl (UFPR)

RESUMO: A literatura possui uma relação intrínseca com a sociedade, sendo uma grande condensadora das concepções e ideias nela existentes, podendo influenciar, representar, reconstruir e absorvê-la. Alain-Gérard Slama, cientista político francês, afirma que “a literatura é a alma da nação [francesa]”, trazendo à tona as influências de escritores iluministas da Revolução Francesa naquela sociedade. Para sua demonstração Slama desenha o panorama francês a partir de Jean-Jacques Rousseau, Joseph de Maistre e Benjamin Constant, respectivamente escritores de pensamento revolucionário, conservador e liberal. A partir da sua análise e de seu argumento, a mesma metodologia é aplicada ao panorama brasileiro quanto à escravidão, utilizando como exemplo Lima Barreto, José de Alencar e Joaquim Nabuco. Com isto podemos verificar como é possível relacionar a literatura e a formação da identidade social de uma nação.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Revolução Francesa. Iluminismo. Escravidão. Identidade.

1 Introdução: sociedade e literatura

As artes têm relação intrínseca com a sociedade, seja no sentido de aproveitá-la como matéria-prima de produção, seja no sentido de recriá-la a partir do processo de interação entre obra e sociedade.

A literatura, logicamente, está inserida neste contexto. Para Alain-Gérard Slama (2012, p.13), professor e cientista político francês, “*La grand littérature n’est pas un décor. Elle est un foyer d’énergie et un condensateur de sens*”. Ou seja, todos os sentidos absorvidos da sociedade são condensados e devolvidos com maior intensidade,

interagindo novamente com muito mais energia. A literatura é algo que reverbera as características da sua época e realça seu sentido.

Em *A literatura e a vida social*, Antônio Cândido (2014, p.27-49), expressa seu entendimento sobre a relação que existe entre a concepção e criação da obra e as características da sociedade, contexto no qual estão inseridos autor e leitor, no entanto sem limitar a concepção a este parâmetro social. Em *A literatura na evolução de uma comunidade* (2014, p. 147-175), ele exemplifica como pode acontecer esta relação entre ambas, em que as variáveis da equação se aproximam, absorvem, ou se distanciam uma da outra, em via de reciprocidade e bivalência.

É a partir desta concepção que abordamos a literatura como fator social capaz de se relacionar diretamente com a sociedade, podendo influenciá-la a partir da demonstração das facetas existentes na comunidade.

É importante frisar que tomamos para este trabalho uma noção de literatura mais abrangente, da mesma forma que Slama (2012) se propõe ao analisar os escritores que influenciaram o estabelecimento da sociedade francesa com as sociedades do século XVIII e XIX, alinhadas ao período da Revolução Francesa. Neste mesmo sentido fazemos uma transposição da sua abordagem para o período abolicionista, com obras que se relacionam com este período.

2 A sociedade francesa e os escritores

Para Slama (2012, p.11), “*L’identité politique de la France, la seule que l’on puisse définir, réside dans sa littérature. La littérature est l’«âme» de la nation, son principe spirituel.*” É inegável que a literatura possua grande capacidade de veiculação de ideias e o Iluminismo é sem dúvida um dos períodos de grande florescimento delas. Logicamente, É importante considerar também que a identidade política e social da França não é homogênea, ela é formada por diversas vertentes que se alternam e se equilibram, ou seja, é necessário ter um olhar que englobe esta noção. É com isso em mente que Slama (2012) nos propõe a análise da construção da identidade política da França a partir do pensamento de três escritores da época iluminista de posicionamentos ideológico-sociais distintos, nos mostrando as diferentes vertentes de pensamento: Jean-Jacques Rousseau, Joseph de Maistre e Benjamin Constant, que podem ser definidos como de esquerda, de direita e liberal – respectivamente, com relação ao seu posicionamento político-ideológico -, eles foram peças importantes no cenário pré,

durante e pós Revolução Francesa. É importante ressaltar este aspecto também, que estes autores, antes de serem filósofos, eram escritores, e utilizavam com maestria a sua capacidade de produção literária.

Bien que la littérature soit dans toutes les nations une mine pour en comprendre la culture et les moeurs, je voudrais, dans ce qui suit, convaincre le lecteur de la richesse incomparable des enseignements que l'on peut tirer d'oeuvres qui ont concrètement structuré notre culture politique, inspiré ses débats, illustré ses valeurs et ses principes, véhiculé sa mémoire, à travers leurs intuitions, leurs pressentiments, et parfois leurs délires. (SLAMA, 2012, p.20)

Assim, analisados segundo o panorama da época fundamental de mudança em que viviam, os autores elencados ecoam em suas obras, através do filtro da criação individual, os pensamentos variados desta sociedade. Slama (2012, p.13) afirma que *"l'auteur majeur est celui qui s'est trouvé le plus étroitement en résonance avec son époque. Individualiste par le regard, universaliste par la pensée, il représente la synthèse la plus parfaite du tempérament national."*

O primeiro dos autores, Rousseau, é sem dúvida o escritor e filósofo iluminista mais relevante para o contexto da Revolução Francesa. É impossível abordar o tema sem citar ideias proferidas em seus ensaios. A sua obra mais conhecida e mais referenciada é *Le Contract Social: ou principes du droit politique*, na qual se propõe a expor os mecanismos que teriam sido empregados pela humanidade para estabelecer a convivência mútua e as suas regras. Este livro foi a base do pensamento da Revolução Francesa, principalmente o de esquerda, em virtude das suas afirmações de que o poder emana do povo, e levou à tomada de ações para o estabelecimento da democracia e da República, para trazer uma participação maior dos cidadãos, considerando o povo como o único depositário verdadeiro do poder social. Outra afirmação importante em suas obras, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, é de que a diferença econômica provoca desigualdade. O que advém disto é a necessidade de se repensar sobre a estruturação da sociedade, que está pautada na figura única de poder soberano do monarca, e na organização social por classes, que reafirma as origens das desigualdades.

Assim, a relevância da sua obra está na abordagem de temas que traziam uma nova visão sobre a organização política da sociedade, da sua estruturação e concentração de poder. Tais ideias se relacionavam intimamente com as aspirações do

cenário que vivia a população Francesa, com escassez de recursos, necessitando de decisões que lhe fossem favoráveis, e não favoráveis apenas às classes mais abastadas.

De Maistre, em contrapartida, era defensor da monarquia e da religião, vendo na Revolução Francesa o enfraquecimento da sociedade. Seu posicionamento se apoiou muito sobre os resultados do Terror, fazendo-o um opositor ferrenho das ideias de Rousseau, o que é uma característica marcante nele: mais do que conservador ou defensor da doutrina católica, ele se colocava no patamar de contrarrevolucionário, com a função de rebater as ideias que se baseavam nas ideias rousseauianas. Ele inclusive utiliza esta tática de contragolpe em *Soirées de Saint Pétersbourg* recorrentemente, sendo que Slama (2012) a identifica como “estratégia de judô”, uma vez que utiliza a força do oponente para estabelecer o seu ponto de argumento.

C'est un péché originel du second ordre, mais qui nous représente, quoique imparfaitement, le premier. De là viennent les sauvages qui ont fait dire tant d'extravagances et qui ont surtout servi de texte éternel à J.-J. Rousseau, l'un des plus dangereux sophistes de son siècle, et cependant le plus dépourvu de véritable science, de sagacité et surtout de profondeur, avec une profondeur apparente qui est toute dans les mots. Il a constamment pris le sauvage pour l'homme primitif, tandis qu'il n'est et ne peut être que le descendant d'un homme détaché du grand arbre de la civilisation par une prévarication quelconque, mais d'un genre qui ne peut plus être répété, autant qu'il est permis d'en juger; car je doute qu'il se forme de nouveaux sauvages. (DE MAISTRE, p.37)

Em *Les soirées de Saint-Pétersbourg*, a partir do diálogo entre as personagens, De Maistre transparece seus posicionamentos, abordando-os com afinco. Não obstante, nela também é possível notar que o autor tinha consciência da impossibilidade de retorno da sociedade ao *status* anterior, sendo veemente, no entanto, em defender os benefícios da manutenção da tradição monárquica e da religião, que a seu ver constituiria a base de conhecimento e sabedoria plena. Ele, reconhecendo os direcionamentos que a sociedade tomava a respeito das ciências, também constrói seu pensamento a fim de afirmar que estas atividades são um desígnio divino, e que a procura pelas respostas através das evidências terrenas era de fato nada mais que a forma de procura da verdade em conformidade com os desígnios da natureza, isto é de Deus. Assim, ele tenta aliar a sensibilidade à razão. “*L'essence de toute intelligence est*

de connaître et d'aimer. Les limites de sa science sont celles de sa nature." (DE MAISTRE, p. 39)

Para Slama (2012) a dupla Rousseau – De Maistre pode ser descrita da seguinte maneira:

Là où Rousseau fait vertu de la transparence, le second place son élégance dans la pudeur: il se livre d'autant moins qu'il se sent déchiré entre le rejet du monde qui naît et la nécessité de s'y adapter. Ensomme, le plus schizophrène des deux n'est pas celui qu'on pense. L'émotion que l'on ressent à la lecture de Rousseau naît de la contradiction entre sa certitude d'avoir raison et son besoin de se justifier. La surprise qu'inspire de Maistre est symétrique: elle réside dans le contraste entre son doute fondamental et son souci de le cacher. Le premier est un, ou se veut tel. Le second est au moins double. Le premier, l'homme de gauche, engage sa vie dans son oeuvre, le seconde se résigne à la jouer. (SLAMA, 2012, p. 138)

Benjamin Constant, o liberal, foi o ponto de equilíbrio entre as ideias Rousseau – De Maistre. De fato, foi ele que propôs uma doutrina centralista que criticava o direitismo exacerbado e o fundamentalismo da esquerda revolucionária jacobina do Terror. Para Slama (2012) a sua importância como o terceiro homem, como o ponto de equilíbrio, vem da sua consciência sobre o poder que a sua “pena” tinha e da sua penetração excepcional ao olhar para o seu próprio tempo.

Si Constant fascine, c'est parce qu'il a fait apparaître, en regard de Joseph de Maistre, un paradigme de la pensée de droite qui ne se contentait pas de «récupérer» le discours de la gauche, mais qui a tiré les leçons de la confrontation droite-gauche, vue de droite, pour moderniser les modes de pensée de l'une et de l'autre. (SLAMA, 2012, p. 188)

Benjamin Constant foi um homem que teve muitas idas e vindas em sua vida, inclusive na vida pública, tendo sido muito criticado acerca dessa inconstância que se dava conforme a mudança nos estados de organização do Governo. Ele inclusive reconhece esta inconstância que possuía, mas trata isto não como um problema, mas como uma característica intrínseca da humanidade. Podemos, inclusive, perceber a abordagem deste tema em *Adolphe*. Seus posicionamentos terão vazão através das suas construções literárias. As obras literárias são criações livres, e não têm [necessariamente] relação direta com o posicionamento social e político do escritor,

assim, o espaço da criação literária é mais amplo e possibilita a apresentação de ideias diversas daquelas comuns ao universo diário do escritor. Logo, é através das suas obras que ele pode transitar de um lado para o outro sem subverter as suas ideias. Slama (2012), em seu texto nos afirma esse papel do escritor, e nos traz o pensamento de Benjamin Constant sobre o assunto:

Ses conseils ne sont pas seulement destinés au pouvoir politique, ils s'adressent aussi aux écrivains : les idées en effet ne sont pas de la compétence du pouvoir. 'C'est aux hommes qui dirigent l'opinion par les lumières, à s'opposer aux réactions contre les idées'. (SLAMA, 2012, p. 190)

Ou seja, para Benjamin Constant, a sua obra tinha a capacidade de produzir este efeito de repensar o modo como as situações ocorriam na sociedade, e de fato *Adolphe* causou as mais diversas reações.

Os três diferentes pontos de vista mostrados por Slama, proporcionam visões distintas sobre a sociedade, inclusive a atual. Os reflexos que produziram em temas como o papel da religião, o poder do soberano, o direito natural e a divisão dos poderes ainda são temas de discussão atualmente, e a forma como as vertentes da sociedade que se designam sob as mesmas alcunhas tomam muitas das atitudes de seus antepassados.

3 O paralelo brasileiro

No Brasil, também é possível identificar elementos dentro da produção literária que identificam as facetas que formam a identidade social brasileira.

As realidades europeia e estadunidense influenciaram grandemente as sociedades ocidentais no que se refere aos planos político, econômico e social. O Brasil não foi diferente neste aspecto, tendo acompanhado muitas das evoluções de pensamento que estas sociedades tiveram, as quais impactaram largamente a maneira como nos desenvolvíamos.

Um dos aspectos desta evolução que teve grande relação com o desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos foi a escravidão. Face aos ideais de igualdade e liberdade que surgiram durante o Iluminismo e a Revolução Francesa, este tema foi amplamente abordado no mundo. Logicamente, houve também outros fatores, como o fator econômico da Revolução Industrial, que também influenciaram a maneira

como este tema foi abordado. No Brasil, ele teve grande repercussão devido à grande quantidade de escravos que eram traficados para realizar o trabalho agropastoril, tendo defensores e opositores deste sistema.

Neste sentido, adotando a mesma proposta que Slama utiliza no retrato da sociedade francesa, utilizamos três autores que possuem pontos de vista distintos sobre a escravidão para mostrar os preceitos que influenciaram na organização social brasileira da atualidade. Os autores que trazemos são Lima Barreto, José de Alencar e Joaquim Nabuco.

Lima Barreto sendo negro não sentiu as pressões da escravidão na época da escravidão. De fato, estava em uma situação incomum, pois também sabia ler e escrever, tendo inclusive trabalhado na imprensa tipográfica nacional. Seu posicionamento pessoal era de utilizar a literatura como meio social, para exprimir as mazelas sociais e possibilitar às pessoas perceberem as desigualdades que as envolviam numa época pós-abolição. Alguns dos textos abordaram exatamente a escravidão e o papel do negro na sociedade, abordando a mudança do regime governamental, a “Lei do Ventre Livre”, a “Lei dos Sexagenários” e a abolição da escravidão (Lei Áurea). A sua prosa inteligente e produção profícua também abordou temas como o abismo social, o papel da mulher, os desmandos do governo instituído, a modernização e o estrangeirismo. (Sevcenko, 1999).

Lima Barreto viveu apenas os últimos instantes da escravidão, quando ainda era criança, no entanto percebia seus resultados fortemente. Na crônica *Maio* (LIMA BARRETO, 1911) aponta este sentimento constante desapontamento e desilusão sobre as consequências:

Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: "Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres? Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! (LIMA BARRETO, 1911, pg. 15)

Mas este tema não ficará restrito às crônicas. Retrato da diferença de tratamento da população negra ou mulata também é tema em *Clara dos Anjos*, marcando a diferença desta população em relação à elite suburbana branca, quiçá à elite em si. Aborda, ainda, a posição da mulher na sociedade. As últimas frases de Clara, no fechamento do livro, são de uma forte tomada de autoconsciência:

- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida.
(LIMA BARRETO, 1922, pg.77)

José de Alencar se encontra, no entanto, no outra lado da moeda. É, sem dúvida, um dos escritores mais importantes do Brasil e a sua produção literária, principalmente romanesca romântica, é vastamente conhecida e louvada. Sua obra assume caráter indianista e patriótico, no sentido de criação de identidade nacional e panegírico dos símbolos nacionais. Não obstante sua produção de prestígio, há outra que não goza da mesma estima: sua produção epistolar.

As suas cartas intituladas *Ao Imperador: novas cartas políticas de Erasmo* são tão eloquentes quanto poderiam ser nas mãos de um escritor tão hábil, porém, pelo seu teor ideológico são rechaçadas, levando inclusive a não constarem nas indicações de obras completas do autor, conforme afirma Tâmis Parron (ALENCAR, 2008, p. 9-10), organizadora do texto intitulado *Cartas a favor da escravidão*, que apresenta sete cartas, dentre as quais as que se referem à emancipação dos escravos, escritas por José de Alencar ao Imperador.

Como citamos, Alencar foi muito reconhecido pelo romance indianista, isto é, da raiz da nacionalidade brasileira. Porém, ele mesmo afirma em suas cartas que os índios, quando o Brasil foi descoberto, já tinham em seu seio a sua decadência, o que ele relaciona com a inexistência da escravidão no seio das comunidades indígenas (ALENCAR, 2008, p. 68-70).

Se a raça americana suportasse a escravidão, o tráfico não passara de acidente, e efêmero. Mas, por uma lei misteriosa, essa grande família humana estava fatalmente condenada a desaparecer da face da terra, e não havia para encher esse vácuo senão a raça africana. Ao continente selvagem, o homem selvagem. Se este veio embrutecido pela barbaria, em compensação trouxe a energia para lutar com uma natureza gigante. (ALENCAR, 2008, p. 68-69)

(...)

Para as possessões americanas, porém, o escravo era um instrumento indispensável. Tentaram supri-lo com o índio; este preferiu o extermínio. (ALENCAR, 2008, p. 70)

Assim, em sua produção epistolar, Alencar advoga em favor da manutenção da escravidão, repudiando a abolição ou emancipação dos escravos. Na segunda carta, após afirmar que o Imperador foi vítima das fascinação que as ideias provocam, se

enganando (ALENCAR, 2009, p. 55), começa a construir seu argumento a partir de uma falsa filantropia dos agentes externos que interpelam o Brasil sobre a emancipação dos escravos, quando haveria interesses velados. “Confrange o espírito público um ressentimento amargo. O país suspeita que os entusiasmos de além-mar não são tão espontâneos e desinteressados.” (ALENCAR, 2008, p. 57)

Uma outra questão afim é a relação entre o sistema político imperial e a escravidão, cuja ligação Alencar conhecia, reconhecendo que o fim da abolição levaria ao fim do Império, e de fato, um ano após a emancipação, a República foi proclamada.

Joaquim Nabuco, da mesma forma que Benjamin Constant na França, tenta se colocar em uma posição que seria um meio termo entre os ideais mais revolucionários e os mais conservadores, isto é, aqueles que podemos vislumbrar em Lima Barreto e em José de Alencar. Ele defende a monarquia, sendo adepto do sistema constitucional parlamentar instituído na Inglaterra, porém é também adepto da emancipação, reconhecendo o direito da liberdade para todos. Possui uma obra que aborda especificamente o assunto, expondo as razões para chegar à emancipação dos escravos, *O Abolicionismo*. A veemência do autor com relação à emancipação dos escravos é sentida já no prefácio:

Já existe, felizmente, em nosso país, uma consciência nacional – em formação, é certo – que vai introduzindo o elemento da dignidade humana em nossa legislação, e para a qual a escravidão, apesar de hereditária, é uma verdadeira mancha de Caim que o Brasil traz na frente. Essa consciência, que está temperando a nossa alma, e há de por fim humanizá-la, resulta da mistura de duas correntes diversas: o arrependimento dos descendentes de senhores, e a finitude de sofrimento dos herdeiros de escravos.
(NABUCO, 2012, p. 7-8)

Assim, ele tenta aliar dois vertentes de direita e esquerda em uma união que não se mostra promissora, uma vez que, como Alencar vislumbrou, os sistemas estavam interligados, bem como a estruturação social do Brasil estava. Ainda assim, o que podemos ver de resultados da emancipação são resquícios da organização monárquica, pois aos libertos os direitos foram quase nulos, e as políticas de inclusão não foram realizadas à época, tendo que ser abordadas e inseridas na sociedade apenas muitos anos após. Ou seja, ainda que haja mudanças a partir da abordagem de novos ideais, há uma tendência de inércia e rejeição quanto à mudança, sendo necessária uma combinação entre ambas.

4 Conclusão

É possível, desta forma, verificar que os parâmetros utilizados por Slama (2012) são também aplicáveis ao cenário brasileiro, seja pelo aspecto que Hegel afirma sobre o choque de perspectivas diferentes, seja pela própria influência da sociedade francesa na estruturação do mundo moderno a partir dos ideais surgidos durante o período iluminista e reafirmados durante o processo da Revolução Francesa.

Os processos sociais possuem relação com a literatura, influenciando a arte, assim como a arte, recriando a realidade tem o poder real de criar novas realidades a partir do coque intelectual.

Referências

ALENCAR, José de. *Cartas a favor da escravidão*. Organização: Tâmis Parron. Editora Hedra. São Paulo, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. 2014. 204 p.

CONSTANT, Benjamin. *Adolphe*. Versão digital Kindle.

DE MAISTRE, Joseph. *Soirées de Saint Pétersbourg*. Institut National de la Langue Française. Domínio Público.

Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000658.pdf>>.
Acesso em: 10/08/2016.

LIMA BARRETO, Alfonso Henriques de. *Bagatelas*. Editora Brasiliense. São Paulo. 1956.

_____, Alfonso Henriques de. *Clara dos Anjos*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. 1922.

Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>>.
Acesso em: 15/08/2016.>

_____, Alfonso Henriques de. *Feiras e Mafuás*. Pg.14-16. Domínio Público. 1911.
Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>.
Acesso em: 15/08/2016.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Ed. Globus. Coleção literatura brasileira. São Paulo, 2011.

_____, Joaquim. *O abolicionismo*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Le Contract Social*. Versão digital Kindle.

_____, Jean- Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução Paulo Neves. Coleção L&PM pocket, volume 704. Porto Alegre. Editora L&PM, 2013.

SLAMA, Alain-Gérard. *Les écrivains qui ont fait la république : Le trésor caché :des origines au début du XIXe siècle*. Editora Plon. Paris, 2012.

VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa: 1789-1799*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo. Editora Unesp, 2012.

XIRAU, Joaquim *et al.* *Estudos sobre Rousseau*. 1ª Edição. Tradução e organização César Benjamin. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2015.